

# Contextos de encaixamento: verbo *ter* na matriz

Vanda Cardozo Menezes (UFF)

## Resumo

**E**

ste trabalho focaliza as construções encaixadas não-finitas com “para” no português oral e escrito com o propósito de identificar o status funcional daquelas construções cujo predicado da matriz seja com verbo “ter”. Parece-nos que a relação de transitividade do verbo “ter” pode ser decisiva na identificação das diferenças semânticas.

Palavras-chave: Encaixamento; Infinitivas; Verbo *ter*.

## Introdução

No estudo das construções reduzidas por infinitivo iniciadas por *para* (MENEZES, 2001), em amostras de fala e de escrita, observo que essas estruturas assumem, a depender do contexto, funções sintáticas e semânticas que se distanciam em maior ou menor grau da função adverbial com valor de finalidade.

No trabalho, identifiquei construções que funcionam em diferentes níveis da estrutura da oração:

- a) em relação a um ato de fala (adverbiais de enunciado);
- b) em relação a uma predicação - construções que se referem ao conteúdo de uma proposição ou de uma predicação (adverbiais circunstanciais);
- c) em relação a um termo - construções que se ligam a termos nominais (as adnominais), e construções que se ligam a predicados, representados em geral pelas categorias nome (completivas nominais), adjetivo (completivas adjetivais) e verbo (completivas verbais);

A seguir, apresento um exemplo que representa o nível mais alto extremo da estrutura hierárquica da frase: a adverbial de enunciado.

- (1) *Para* começar, houve o que se chama nas escolas de Jornalismo de "ruído de comunicação". Madonna não entendia - ou não entendia - o inglês de Marília Gabriela (JB/AX, 23/09/78)

E ainda há construções fixas a verbos - construções com verbo *dar*, *estar* e *ter*. O exemplo a seguir mostra uma construção fixa com verbo *dar* (valor de *possibilidade*).

- (2) ...então eu realmente fiquei com medo mas... *deu pra* passar... (NURC90)

Neste trabalho, retomo as estruturas encaixadas com verbo *ter* na matriz para melhor examinar esse contexto que favorece o encaixamento de predicções no SN (objeto direto).

Já observei, em trabalho anterior (MENEZES, 2001:131), que o verbo *ter*, com valor de posse, dado o papel de sua estrutura argumental, seleciona um sujeito não-controlador (MATEUS *et al.*, 1989: 48), o que desfavorece a construção do contexto típico das estruturas adverbiais que expressam finalidade.

Nas duas amostras, de oralidade e de escrita, que constituem o *corpus* da pesquisa, observei, nas construções ligadas a nomes, significativa frequência de verbo *ter* na oração matriz (127/436 => 29%), sendo expressivamente maior na amostra NURC (78/127 => 61%).

Vejamos exemplos<sup>1</sup> das estruturas focalizadas:

- (3) ... perdeu dois irmãos no ataque americano e tinha todos os motivos para odiar os Estados Unidos. (JB/AX, 17/11/96)
- (4) ... eu não tenho... diria ... palavras vocabulário *pra poder* descrever *ela*... (NURC90)

No exemplo (3), *motivos*, que tem já certa força predicativa, assume a função de predicado. Em (4), o termo *vocabulário* compõe com verbo *ter* uma expressão predicativa. Nos dois casos, observa-se a atuação do *esquema*

*predicativo* do verbo *ter*, cujo complemento passa a compor o predicado e ganha força predicativa.

Mas não é sempre fácil identificar nomes na função de predicado, o que é necessário para a distinção entre *satélites* e *argumentos* e, com base nessa distinção, para a identificação de construções *adnominais* e construções *completivas*.

DIK (1989:73) observa que a dificuldade da distinção entre satélites e argumentos aumenta quando se trata de definir fronteiras entre argumentos e satélites de nível 1, uma vez que os dois tipos de termos pertencem à estrutura interna da predicação.

A *estrutura subjacente da oração*<sup>2</sup>, concebida por DIK (*op.cit.*: 46), é uma estrutura abstrata complexa, em que se identificam *camadas* ou *níveis* de construção. Nos níveis mais baixos, distinguem-se dois tipos de elementos: *predicados* (elementos predicadores) e *termos* (elementos não-predicadores). Os predicados que designam propriedades ou relações são base da predicação e, por isso, representam o nível 0 (DIK, 1997:93). Os termos se referem a entidades e representam o nível 1.

Essa *estrutura subjacente* (um *esquema da oração*), ainda segundo DIK, se atualiza no discurso como *expressão lingüística*, por meio de um sistema de *regras de expressão*. As expressões lingüísticas se diferenciam segundo se aproximem ou se distanciem de uma dada estrutura (um *protótipo*), que representa plenamente a estrutura subjacente.

Essas ponderações acerca da dificuldade de distinção entre *argumentos* e *satélites* também são válidas para as demais distinções feitas neste trabalho. A questão da transitividade do verbo *ter*, principal linha de análise do estudo, deve também ser vista em termos de um *continuum*. Com base em HOPPER & THOMPSON (1999), ressalto os seguintes pontos:

- a transitividade é compósita: é uma medida da gramática da oração inteira, não apenas uma relação entre um verbo e seus argumentos;
- transitividade deve ser entendida como *continuum*;
- a transitividade é relevante não apenas para a distinção das diferentes línguas, mas também para o estudo da mudança e da variação lingüística, com a formação de novos predicados.

## 1 Formação de predicados

Na perspectiva da Gramática Funcional, apresentada por Dik (1989: 68:72; 1997:2), todas as línguas têm um estoque de predicados básicos no léxico e um sistema de regras de formação de novos predicados (*predicados derivados*). Essas regras atuam também na *criação* de novas estruturas oracionais, já que as orações são construídas em torno de predicados e, por isso, são de grande validade explanatória para o estudo das predicações. Dois aspectos da atuação das regras de formação se mostram mais relevantes para a identificação do contexto funcional dessas construções: são eles a categoria do predicado e a valência.

Uma questão que se apresenta é a da distinção de categorias de predicado, pois as definições tradicionais para *verbo*, *nome* e *adjetivo* são puramente semânticas, baseando-se estritamente nos tipos de entidades designadas: ações (Verbos), pessoas, lugares ou coisas (Nomes), propriedades ou qualidades (Adjetivos).

Essa abordagem é muito criticada por sua inconsistência do ponto de vista descritivo e pelos problemas que apresenta para a pesquisa tipológica (CROFT, 1992:38).

A alternativa estruturalista, ao definir as categorias em termos de propriedades morfossintáticas, também apresenta problemas quando se tenta estabelecer generalizações entre as línguas. Não há entre as línguas, e nem mesmo dentro de uma mesma língua, relações estáveis de designação que possibilitem identificar com nitidez as categorias lingüísticas.

A proposta funcionalista (DIK, 1989; CROFT, 1992) consiste em uma definição das categorias em termos das *funções prototípicas* que elas assumem na construção de uma predicação. O verbo é primariamente usado como principal elemento de uma predicação; o nome, como núcleo do sintagma nominal, e o adjetivo, como modificador nominal.

Essa concepção prototípica permite que se considerem certos usos como secundários ou derivados – ou *marcados* –, como prefere CROFT (*op. cit*), devendo haver sempre, nesses casos, alguma indicação formal da *mudança de função*, entendendo *mudança* em termos de afastamento em relação a uma categoria prototípica e aproximação a uma outra categoria funcional. Da observação desses usos não prototípicos se podem depreender as diversas regras de formação de predicados.

Observe-se que todo predicado é sempre uma estrutura: ele só existe como parte de um *esquema predicativo* que define não só a *forma do predicado*, mas também o *tipo de valência*.

O conceito de valência diz respeito justamente às relações que os predicados estabelecem com seus argumentos. Essas relações podem ser vistas do ponto de vista quantitativo (*número de argumentos*) ou qualitativo (*funções semânticas e/ou restrições de seleção*).

CROFT (*op. cit*: 62) apresenta a *valência* como uma das principais propriedades semânticas dos predicados, a qual pode ser definida pela expressão *inerente relacionalidade*. Um conceito é inerentemente relacional se a sua existência ou presença requerer a existência ou presença de outra entidade. Essa outra entidade será chamada de argumento. O termo *argumento* se refere à entidade adicional (ou entidades adicionais) requerida pela entidade relacional.

Assim, ainda segundo CROFT (*op. cit*:63), considerando as três principais categorias de predicado, a valência quantitativa *mais comum* para o predicado nominal é zero, para o predicado adjetival é um. Já para o predicado verbal, a valência pode ser um, dois ou três.

A valência de um predicado pode ser alterada por regras de formação que caracterizam dois tipos gerais de regras: extensão e redução.

Uma regra de extensão de valência pode aproximar um predicado nominal de um predicado verbal; já uma regra de redução de valência pode aproximar (com graus variados de similaridade) o predicado verbal da categoria nominal.

Ocorre extensão de valência quando, por exemplo, de um predicado verbal intransitivo primitivo, é formado um predicado transitivo derivado (cf. *A polícia correu (com) os assaltantes*); ou ainda quando o esquema predicativo de um predicado verbal é transferido para um predicado nominal (cf. *O governador exigia a realização do plano*).

NEVES, em Gramática de Usos do Português (2000:24), observa que

a estrutura de predicação se transfere também para o nível interno da oração, em torno de nomes que têm força predicativa, como por exemplo, remessa, que constitui um predicado ao qual se podem aplicar, por sua vez, os termos Poder executivo, texto e Congresso Nacional, como em remessa do texto ao Congresso Nacional pelo Poder Executivo

Ocorre redução de valência quando o predicado básico é reduzido em pelo menos uma posição argumental, mantendo o *status* gramatical da construção, embora possa haver mudança semântica.

Três processos envolvidos na redução de valência podem ser descritos em termos de operações elementares: *incorporação*; *redução de primeiro argumento*; e *redução de segundo argumento* (DIK, 1997:10).

Sobre *incorporação*, tem-se o estudo de VET (1985:58), que interpreta as construções com clítico reflexivo no francês como exemplos de incorporação de argumento.

A *redução* do predicado em relação ao primeiro argumento é particularmente observada nos estudos sobre integração de cláusulas. "O sujeito", diz LEHMANN (1988:197), "é o primeiro termo a ser afetado pela dessentencialização".

Ainda sobre redução de argumento, encontramos em DIK (1989:75) uma observação a respeito da diferença entre um tipo de formação de predicado em que o agente deixa de ser especificado (cf. *este carro foi bem vendido*) e outro tipo de formação em que o agente é removido por uma regra de redução de valência; o segundo argumento assume a posição de sujeito e o predicado fica intransitivo (cf. *este carro vendeu bem*).

Em trabalho posterior, DIK (1997:12) amplia a sua concepção sobre a redução do predicado em relação ao primeiro argumento, possibilitando considerar também como estruturas reduzidas algumas construções com sujeito de referência [+genérica], representado por zero ou por uma partícula, que em muitas línguas é originária de um elemento "reflexivo" (como a partícula *se*, em português). A sua justificativa é a de que há também uma espécie de redução quando o predicado atual (derivado) passa a indicar que a identificação do primeiro argumento é totalmente irrelevante.

Quanto à redução do segundo argumento, MACKENZIE (1985:38) avalia seu papel no processo de "nominalização". Segundo o autor, quando se parte de um predicado de dois argumentos, duas etapas podem ser observadas: a da redução do primeiro argumento e, depois, numa aplicação sucessiva da regra de redução de valência, a da redução do segundo argumento.

Observe-se que o processo de redução de valência em segundo argumento reflete uma alteração no significado do predicado verbal. No exemplo

(4), a seguir, o verbo *receber*, sem objeto direto, assume no contexto o valor de “receber visita”, mais especificamente, “receber visita com elegância, cordialidade e educação” (cf. a expressão: *Ela não sabe receber*).

- (5) ... eu sou de família... de família fundadora da cidade do Rio de Janeiro... então... eh... minha avó... pra você ver... minha avó tinha... abria... havia aquela... aquele pessoal que tinha um status... *pra receber*... não é?... (NURC70)

THOMPSON & HOPPER (2003), em um dos desdobramentos do estudo sobre transitividade (THOMPSON & HOPPER, 1980), em que ressaltam o caráter mais amplo do fenômeno, que não se restringe apenas à relação entre um verbo e seu objeto, concluem que *o sentido de um verbo ou um predicado está relacionado a esquemas gramaticais em que ele pode ocorrer* (op. cit., p.14).

DIK (1989:74) aponta como exemplo dessa dependência do contexto a frase *João estava bebendo*, em que o verbo *beber* é mais provavelmente usado para expressar o valor peculiar que esse predicado assume quando é reduzido em segundo argumento (cf. *João bebe demais*).

THOMPSON & HOPPER (2003:14), no prosseguimento de sua pesquisa sobre transitividade, ainda acrescentam que seus dados indicam que, dentre as coisas que os falantes sabem sobre verbos, inclui-se o conjunto de formas com as quais eles se combinam para expressar diferentes significados.

## 2 Verbo *ter*

Os contextos de encaixamento com verbo *ter* na matriz direcionaram a pesquisa para o estudo do domínio abstrato do valor de *posse*. Nesse domínio, as estruturas com *ter* se destacam pela diversidade de valores *derivados* que expressam.

Em relação ao genitivo em inglês, LANGACKER (1995) distingue 18 diferentes tipos de relações de posse, ressaltando, porém, que apenas 3 podem ser consideradas prototípicas: a de propriedade, a de parentesco e a relação parte/todo. O autor acrescenta que as três relações prototípicas de posse têm base em nossa experiência física e cultural, o que as configura como *arquétipos conceituais*.

HEINE (1997:45) considera difícil identificar quais relações de posse são mais centrais que outras. O autor prefere trabalhar com um número maior de noções, mas admite, como LANGACKER, que as expressões de posse são derivadas de domínios menos abstratos em relação a um domínio mais abstrato da conceituação. HEINE verifica, ao examinar um amplo conjunto de línguas do mundo, que há um grupo de noções recorrentes, que, de uma forma ou de outra, são expressas. Essas noções são: posse concreta (Você tem uma caneta?), posse temporária (Eu tenho um carro que uso pra ir ao escritório, mas ele é da minha mãe), posse permanente (Eu tenho um carro, mas minha mulher é quem usa), posse inalienável (Eu tenho duas irmãs), posse abstrata (Eu não tenho tempo); posse inalienável inanimada (Minha sala tem três janelas); posse alienável inanimada (Minha sala tem duas poltronas).

Apesar das divergências quanto à prototipicidade ou não de certas relações de posse, há consenso, entre os dois autores, quanto à percepção de que as expressões de posse estão baseadas em domínios relacionados à experiência humana. Essa percepção se afina com as idéias desenvolvidas por LAKOFF e JONHSON (1980) sobre a natureza metafórica do sistema conceptual ordinário. A essência da metáfora, dizem os autores, é expressar a experiência de uma *coisa* em termos de outra. E as expressões de posse apresentam-se como estruturas cognitivamente mais acessíveis para a compreensão de conteúdos mais complexos no domínio da posse.

### 3 As encaixadas no nome com *ter* na matriz

A seguir, apresentamos exemplos de diferentes contextos em que ocorrem as construções *para* + *infinitivo* com verbo *ter* na matriz. Tendo como ponto de partida as relações de transitividade nos contextos do verbo *ter*, observamos que outros fatores estão relacionados no processo de aproximação ou de afastamento da construção infinitiva iniciada por *para* em relação a uma estrutura prototípica com função semântica de finalidade.

Ao final dos exemplos, com a caracterização de seis tipos de construção, é apresentada uma tabela com a distribuição numérica e percentual das ocorrências da amostra.

#### 3.1 Nome [+] agente

Nos contextos em que o Nome que complementa o verbo *ter* apresenta maior grau de *agentividade*, a construção infinitiva iniciada por *para* se aproxima da função adverbial de finalidade. Essa aproximação se explica pelo fato de as construções adverbiais de finalidade prototípicas requererem uma matriz com *sujeito* capaz de exercer *controle* sobre o evento expresso na oração adverbial (NEVES, 2000:888). Tratando-se da encaixada no Nome com verbo *ter* na matriz, já que *ter* seleciona sujeito (-) controlador, o Nome (+) agentivo funciona como sujeito.

- (6) ... Tom Cavalcante acaba de ganhar o direito de ter dois redatores para criar piadas exclusivas para ele. (JB/AX, 29/01/1997)

#### 3.2 Nome [+] instrumento

A categorização [+] *instrumento* caberá aos nomes que se apresentem como *algo* [+/- abstrato] que possibilitaria a realização de *algo*. A *possibilidade* não realizada [-*realis*] é expressa pela infinitiva iniciada por *para*, que apresenta grau mínimo de afastamento da prototípica de finalidade.

- (7) Então...acredito que possa fazer uma maneira não só de aproveitar como talvez de armazenar,mas isso eu...eu não tenho conhecimento técnico pra te dizer... (NURC90)

- (8) ...eu fiquei nervosa...eu não gosto de lugar assim não...eu gosto de água...mas que você tenha...tranquilidade pra...brincar...(Piscina) por exemplo...( NURC90)
- (9) ... isso faz com que o INPS tenha recursos pra atender ... dar assistência médica...social...hospitalar... (NURC70)

### 3.3 Predicado derivado de verbo

O nome já tem força predicativa derivada de um predicado verbal. Essa força predicativa é reforçada pelas relações de transitividade do verbo *ter*.

- (10) ...azulzinho como está ,ele não tem permissão para voar a uma velocidade supersônica.(JB/AX, 30/01/1996)

### 3.4 Predicado composto fixo

Nas combinações lexicalizadas (*ter* + "objeto" + *pra* + infinitivo), o verbo *ter* apresenta grau muito baixo de transitividade. Nesses casos, é difícil identificar se o objeto é não-*afetado* ou é *afetado*. Também é difícil definir o grau de *oracionalidade* da construção infinitiva.<sup>3</sup>

- (11) Seleção Brasileira tem tudo para ganhar o jogo. (JB/AX, 10/07/98)
- (12) ... por que ele não quer ter hora pra chegar em casa... (NURC70)

### 3.5 Predicado derivado da expressão *ter que fazer algo* (> *ter algo pra fazer*)

A expressão derivada *ter algo pra fazer* mantém-se no campo da necessidade (modalidades *alética* / *deôntica*).

- (13) *já* temos tanta papelada *pra olhar os prazos*... (= temos que olhar os prazos de tanta papelada) (NURC70)
- (14) ... então Helena escreve há 20 anos neste volume? E ainda tem um monte de páginas em branco *para escrever*. (= tem que escrever um monte de páginas) (JB/AX, 18/03/98)

### 3.6 Construção equivalente a uma construção relativa

A construção iniciada por *pra* funciona como *satélite* em relação ao nome (objeto) e equivale a uma oração relativa.

- (15) ...ele deve realmente não ter lugar *pra ficar* e...então... (= lugar *onde ficar*) (NURC70)
- (16) (que) não tivesse muita frescura *pra chamar a atenção* (= *que chamasse a atenção*) (NURC70)

O quadro abaixo apresenta a distribuição dos tipos de construção por amostra.

Contextos de encaixamento: verbo *ter* na matriz

Tipos de construção	Oralidade (%)	Escrita (%)	Total
Nome (+) agente	1 (67%)	2	3
Nome (+) instrumento	36 (77%)	11	47
Predicado derivado de verbo	15 (50%)	15	30
Predicado composto fixo <sup>4</sup>	10 (38%)	16	26
Predicado derivado = ter que	8 (75%)	3	11
Construção derivada = relativa	8 (80%)	2	10
Total	78 (61%)	49 (39%)	127

Distribuição das construções encaixadas no SN com verbo *ter* na matriz na oralidade e na escrita

## Considerações finais

O estudo das construções infinitivas iniciadas por *para* comprova a relevância da concepção de *contexto* para uma análise que busca seguir a abordagem funcionalista.

A variedade de tipos de construção *ter + nome + pra + infinitivo*, com frequência mais expressiva na oralidade, corrobora a noção de predicados derivados, apoiando-se na noção de transitividade, como fenômeno continuum e não-estável.

Nos contextos estudados, observa-se que as estruturas infinitivas iniciadas por *para* apresentam diferenças na expressão de finalidade que podem se atribuídas ao papel sintático e semântico do verbo *ter* na matriz: ao selecionar um sujeito [-] *agentivo*, o verbo *ter* promove o deslocamento de uma função prototípica de finalidade, em relação a um *agente*, nas estruturas adverbiais circunstanciais, para uma função categorizadora dos objetos "possuídos", nas estruturas encaixadas no SN.

Nesse processo de estabelecimento de estruturas derivadas, um fator a ser sempre levado em conta é o da frequência de uso: o deslocamento da função adverbial de finalidade está, certamente, relacionado ao uso da língua nas diversas situações de comunicação.

## Abstract

This study focuses on the non-finite embedded constructions beginning with *para* in standard oral and written Portuguese in order to identify the functional status of embedded constructions in contexts with verb 'ter' as matrix predicate. It seems that the transitivity relationship of 'ter' may be decisive for giving additional semantic constraints on the non-finite embedded constructions.

Keywords: Embedding; Non-finite; To have.

## Notas

<sup>1</sup> Nos exemplos da amostra escrita, após a sigla JB/AX (Jornal do Brasil / crônicas de Arthur Xexéu), está indicada a data de publicação. Nos exemplos da amostra de oralidade, após a sigla NURC

- 2 (amostra pertencente ao *Corpus* NURC-RJ), é identificada a década de coleta dos dados (70 ou 90). O termo *oração* é usado, nessa parte da exposição da concepção teórica de SIMON DIK, em sentido amplo, designando tanto a oração *simples* quanto a oração *complexa*, que compreende a oração *matriz* e a oração *encaixada*.
- 3 Em trabalho anterior (MENEZES, 2001), proponho uma escala de oracionalidade para as construções infinitivas em português.
- 4 A predominância do tipo predicado composto fixo na escrita (62%) se explica pela recorrência da expressão *tem tudo pra + infinitivo* no discurso de Arthur Xexéo.

## Referências bibliográficas

- CROFT, W. *Syntactic categories and grammatical relations*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.
- DIK, Simon C. *The theory of functional grammar*. Berlin: Walter de Gruyter, 1997.
- \_\_\_\_\_. *The theory of functional grammar*. Part I: The structure of the clause. Dordrecht: Foris, 1989.
- HEINE, B. *Possession: cognitive sources, forces and grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- HOPPER, P. & THOMPSON, S. Transitivity in Grammar and Discourse. *Language*, volume 56, Baltimore, 1980, pp.251-299. 1980.
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago, IL: Chicago University Press, 1980.
- LANGACKER, R. Possession and possessive constructions. In: Taylor e MacLaury (eds.), 1995, p. 51-79.
- LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: J. Haiman & S. A. Thompson (eds.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1988, p.181-225.
- MATEUS, M. H. M, BRITO, A. M., DUARTE, I. & FARIA, I. H. *Gramática da língua portuguesa*. 3ª. ed., Lisboa: Caminho 1989.
- MENEZES, V. C. *Construções infinitivas iniciadas por para: oracionalidade e redução*. 2001, 155p. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.
- NEVES, M. H. M. Gramática de usos do português. São Paulo: Ed. da UNESP, 2000.
- THOMPSON, S. A. & HOPPER, P. J. Transitivity and Clause Structure in Conversation. In: J. Bybee e P. Hopper (eds.). *Frequency and emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2003, p. 27-60.
- VET, C. Passive, reflexive, and causative predicate formation in French. In: Bolkenstein, De Groot & Mackenzie (eds.) *Predicates and terms on Functional grammar*. Dordrecht: Foris, 1985, p. 49-68.